

Sumário: O autor apresenta aqui uma síntese da sua dissertação de Mestrado em Ciências da Religião (PUC/SP, 2005). Parte de uma contextualização do Contestado, na disputa dos limites territoriais entre os Estados de Santa Catarina e Paraná (1912-1916). Nesse contexto, surgiu o chamado “movimento popular do Contestado”, um movimento marcado pelas tradições culturais e religiosas dos caboclos moradores na área do conflito. Esse movimento caracterizou-se por uma mística própria, enraizada na mensagem de “monges populares” (dentre os quais destaca-se João Maria), no espírito de irmandade, numa religião guerreira. Tal fato constitui para os habitantes da região do Contestado um universo simbólico próprio.

Abstract: The author presents a synthesis of his Master's Thesis in the Graduate School for the degree of Master of Arts in the field of Science of Religion at the PUC/SP, 2005. At the outset he gives a lucid account of the territory of the Contestado whose boundaries were in dispute in the States of Santa Catarina and Paraná, during the years 1912 to 1916. The leaders of a popular uprising against military detachments engaged in combat were disguised as “monks”, as for instance João Maria and others, simulating a prophetic role, analogous to that of the prophets in ancient Israel so as to gain ascendancy over the impoverished dwellers of the land. Their leadership was skillfully masked by pious motifs and threats of punishments inflicted upon renegades and opponents. To cover up their own background as foreigners they claimed to be migrant prophets chosen as representative figures of a belligerent religion practiced by the faithful united by the bonds of brotherhood. Within that mystified historical background of a segment of the local population it was a difficult task of the government and the armed forces to demobilize the insurgents and secure normalized conditions among the people.

A mística do Contestado: a mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado e dos seus descendentes

Gilberto Tomazi*

* O autor, presbítero da diocese de Caçador, é Mestre em Ciências da Religião e Professor no ITESC.



No dia 04 de maio pp., Pe. Gilberto Tomazi, ex-aluno e professor em nosso Instituto, defendeu sua dissertação de Mestrado, em Ciências da Religião, na PUC de São Paulo, com o título acima. Sendo um tema de grande relevância para a nossa região e que desafia nossa ação pastoral e também nossa reflexão teológica, apresenta-se aqui uma síntese do trabalho. Para quem quiser aprofundar a reflexão, existem cópias da dissertação disponíveis na biblioteca do ITESC, da PUC-SP e também via sistema eletrônico em http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/processaPesquisa.

1. Contextualizando o Contestado

O Contestado, apesar de ter sido um dos maiores movimentos ou lutas populares do Brasil, tanto em termos de sua duração, como também da abrangência geográfica e populacional, permanece mais como algo restrito a Santa Catarina. Entretanto, não foi a “guerra do Contestado” nas suas dimensões histórica, sócio-política e econômica, que mereceu a atenção central da dissertação, mas sim, a dimensão religiosa e simbólica-cultural do Contestado.

O termo “Contestado” remonta a meados do século XIX quando teve início a disputa dos limites territoriais entre os Estados de Santa Catarina e Paraná. Tal disputa só foi concluída em 1916, ano em que foi assinado o acordo definitivo sobre os limites entre os dois Estados. Foram 48 mil quilômetros quadrados de terras disputados, que compunham o “chão Contestado”.

A guerra ou o conflito armado do Contestado aconteceu entre os anos de 1912 a 1916, porém ela tem raízes e ramificações mais amplas. Se considerarmos somente as influências dos monges na região, o tempo pode ser ampliado para pelo menos meio século antes e, como fenômeno, continua em aberto até os dias atuais.

O movimento popular do Contestado abrangeu não menos de 1/3 do território catarinense, e boa parte do sul/sudoeste paranaense. Cerca de metade da população da região, que na época era de aproximadamente 50 mil pessoas, foi diretamente envolvida, sendo que, dentre estes, os mortos podem ter chegado a 10 mil. Para isso, além dos civis locais, aproximadamente 80% das forças dos Estados envolvidos e do exército nacional foi usado.

Diversos fatores contribuíram para o desfecho da guerra: a disputa por território, o problema das terras com as questões relacionadas à



desapropriação e a exploração feita pelas empresas de colonização, o problema da regularização, o das terras concedidas, pelo governo, à Construtora da Estrada de Ferro sem indenizar os antigos moradores da área. Soma-se a isso, a penúria dos quase 10 mil homens que ficaram desempregados após concluída a estrada, sem direitos e sem poderem retornar aos seus locais de origem. E vale lembrar, ainda, o acúmulo histórico de violência contra os indígenas, a exploração dos peões das fazendas, por parte dos fazendeiros; a falta de estradas, o coronelismo, entre outros.

Mesmo considerando os aspectos sócio-econômicos e políticos, a dissertação percebeu que, durante a guerra do Contestado, mais do que se mover na direção da negação do mundo que os oprimia, a comunidade cabocla foi dando um novo significado e inventando alternativas para o seu cotidiano. Sem desconsiderar o batismo tradicional católico, assumiram o batismo de João Maria; ao invés de aceitarem passivamente o espírito liberal-capitalista e as leis da República, organizaram-se em redutos, cujo sistema era comunista-cristão, e defenderam a lei de Deus; sem desprezar as leis da ciência, que lhes parecia servir apenas aos donos do poder econômico e político, optaram por seguir os “comandos do além”, oferecidos pelos meninos e meninas virgens-videntes; e, mesmo quando procuravam consolo diante da realidade vigente, não deixaram de levantar a bandeira do Divino, de uma “cidade santa”, e preferiram seguir as intuições e visões conectadas aos seus ancestrais, aos santos e monges, depositando neles a sua esperança.

A dissertação também aponta para o fato de que, no Contestado, para além da busca de satisfação das necessidades materiais, como a alimentação e a defesa da terra e das propriedades, os caboclos e caboclas defendiam tradições e valores culturais, éticos e espirituais. Mais do que bens materiais, eles buscavam reconhecimento; mais do que um plano de ação com estratégias e táticas, elevavam preces, súplicas e gritos aos santos, e se deixavam conduzir pelo coração e pela intuição; mais do que no poder dos humanos e nas armas de guerra, confiavam na força do “exército encantado” e no poder misterioso de Deus; mais do que uma experiência feita de fatos, passíveis de mensuração e verificação, tratou-se de uma experiência mística, vivida em atitude de encantamento, humildade, veneração, temor e tremor, diante do misterioso e sagrado.

A maioria da população que habitava e ainda hoje habita a região do Contestado é constituída de caboclos e caboclas. Estes foram os



principais destinatários, envolvidos e também sujeitos da guerra. As famílias de origem alemã, italiana e polonesa, entre outras, na sua grande maioria, adquiriram terras e ocuparam boa parte da região só depois de concluída a guerra, isto é, depois de ter sido executada a “limpeza da área”.

Quanto às heranças religiosas da comunidade cabocla, percebemos que várias tradições religiosas, não sem conflitos, foram se congregando e formando uma espécie de religiosidade popular ampla, ambígua, fragmentada, dinâmica, sincrética e fundamentalmente católica. Entendida como Catolicismo Popular, esta religiosidade recebeu uma influência marcante, uma espécie de injeção de legitimidade e reconhecimento, por parte de alguns personagens religiosos ou místicos que passaram pela região entre meados do século XIX e início do século XX. Dentre eles destacaram-se José Maria e principalmente João Maria. Foi a partir desta constatação que surgiu o objeto central da dissertação: “A mensagem e a mística de João Maria, ontem e hoje.”

Depois de uma longa revisão bibliográfica e especialmente depois de ouvir diversos remanescentes e descendentes do Contestado, a dissertação optou para a existência de apenas um monge, cujo nome é João Maria. Porém, esta opção não se opõe à que considera a possibilidade de uma “síntese”, onde vários monges ou líderes religiosos, que teriam passado pela região, foram conjugados num único personagem.

Ao observarem a influência da religião ou da mística no Contestado, por um lado, certos pesquisadores verificaram que ela poderia ser traduzida em termos de “fanatismo”, “ignorância”, e “resquícios de um mundo pré-moderno”, “alienação” ou, por outro, em “protesto” e “resistência”. Mesmo considerando estes últimos aspectos, vale dizer que o Contestado, mais que “o grito da criatura oprimida”, foi um movimento de defesa dos costumes e, principalmente, de edificação de um mundo possível, alternativo, desejado ou imaginável, um mundo que acreditavam poder ver reencantado.

2. A Mensagem de João Maria e do Contestado

A mística do Contestado funda-se fundamentalmente na mensagem de João Maria. Pode-se perceber nela ao menos cinco fases ou momentos: a dos monges, a do espírito de irmandade nos redutos, a da religião guerreira, a da violência e repressão interna nos redutos com sua respectiva dissolução, e a do pós-Contestado, isto é, aquela que foi sendo ressignificada com o passar dos anos. Estas fases revelaram uma mística



que foi apresentando várias dimensões, que foram desde a busca de consolo diante do sofrimento e da violência, até a rebeldia, a guerra e a construção de um outro mundo possível. Durante a guerra, a mística revelou o seu lado subversivo e mesmo revolucionário: foi quando já preferiam morrer na luta pela defesa da “santa religião” e da construção das “cidades santas”, que ceder às garras ou deixar-se seduzir pela besta e seus servidores, “os peludos”.

Com João Maria e outros líderes místicos houve uma efervescência de esperança, fazendo o povo acreditar que a realidade vigente não era portadora da última palavra e que era possível negá-la e construir outra realidade, capaz de satisfazer as suas necessidades e desejos. Pobres materialmente, sentiram-se ricos espiritualmente, já que homens considerados santos eram-lhes muito próximos. Diante da realidade de violência, exclusão e empobrecimento em que se encontravam, a religião foi praticamente a única ferramenta à qual podiam se agarrar. Irmanando-se com os violentados e violentadas, João Maria deu-lhes uma nova identidade, a de “filhos de Deus”, e de “irmãos”, a qual serviu de primícias na convivência das irmandades, nos redutos.

Ao analisar a mensagem de João Maria, percebe-se que aparecem elementos de teor profético, messiânico, milenarista e apocalíptico. Estes elementos formam uma teia de significados que ao mesmo tempo se referem a coisas do além e escatológicas e a aspectos relacionados ao devir histórico.

Para falar sobre a mensagem atual de João Maria, faz-se necessário um “olhar” e um “ouvir” atentos ao cotidiano dos descendentes do Contestado. A memória popular, e especialmente a dos mais velhos, revela uma história rica e viva a respeito.

João Maria foi interpretado, inicialmente, como homem pacífico, conselheiro, benzedor, alguém que dava sermões nas igrejas, e se parecia com um padre católico, um monge ou alguém que procurava se afastar do mundo para estar com Deus... Quando aconteceu a guerra, ele (diversas vezes confundido com José Maria), mesmo “ausente” fisicamente, já era alguém ao qual se atribuíam os comandos da guerra.

Depois de quase um século, João Maria é lembrado como um profeta, um curandeiro, milagroso, benzedor, monge, peregrino, pai, paizinho, João de Deus ou simplesmente João Maria. Ele é lembrado como um apóstolo, um enviado de Deus, um santo, alguém que continua oferecendo milagres e intercedendo em prol dos mais pobres e sofredores.



Como alguém que está vivo, encantado no Morro do Taió. Antes, porém, de se retirar para o morro, ele deixou o seu poder para algumas pessoas. Hoje, muitos(as) benzedores(as), curandeiros(as), rezadores(as), dão continuidade à sua missão, colocando-se como seus/suas “enviados(as)”.

Confirma-se hoje tanto a partir da revisão bibliográfica, quanto na cultura popular, que João Maria captou os anseios dos deserdados e transformou-se em porta-voz e intérprete das angústias dos caboclos e caboclas do Contestado. Aos poucos, ele foi sendo associado ao próprio Cristo e aos santos e, com isso, ainda hoje continua a exercer grande influência na região. Suas constantes peregrinações de um lugar para outro, a renúncia aos bens materiais e certo rigorismo moral, fazem dele símbolo de um poder que se coloca acima dos seres humanos comuns e símbolo da identidade social positiva dos(as) pobres, onde os(as) excluídos(as) se tornam os(as) eleitos(as).

Enfim, é possível constatar que há um rico universo simbólico em torno do qual vive o homem do Contestado. E esse universo inclui, além de uma linguagem de imaginação poética, uma variedade de ritos, mitos, artes e religião, que tecem o emaranhado de sua experiência humana. Há uma verdadeira rede de símbolos e significados que, além de situar o homem do Contestado na história, lhe oferece um sentido para a existência. Entre os muitos símbolos do Contestado, destacam-se e são considerados de maior importância as águas, as cruzes, os batismos, as orações e benzimentos e as romarias.

A grande maioria dos descendentes do Contestado vive, também, numa situação de miséria, violência, desemprego e analfabetismo. Porém, mesmo vivendo nessa situação e sendo herdeiros de uma luta inglória, há algo que os move, que faz com que continuem confiando na vida, que oferece um sentido à sua história e não os deixa desesperar. E isso pode ser chamado de mística ou de espiritualidade.

Essa mística do Contestado que, em muitos, tem como referência o “São” João Maria, é aqui compreendida como uma “forma” encontrada pela população cabocla, possivelmente a que julgaram a mais significativa, de se afirmar em sua identidade cultural e de procurar sobreviver neste mundo complexo e excludente. Por meio desta mística, há todo um empenho dos “sem poder”, dos “sem-terra” e dos “sem-direitos” para explicar, justificar e, de algum modo, controlar uma realidade social violenta, que parece perigosa demais para ser enfrentada por outros meios, além do simbólico.



Por ter valorizado, oferecido um significado e indicado um caminho às pessoas e comunidades por onde passava, João Maria tornou-se um mito, um modelo de vida, um modelo de conduta, alguém que ofereceu uma nova visão de mundo e, com isso, abriu “as picadas” para um novo modo de vida.

Mesmo que não seja possível afirmar que hoje a religiosidade do Contestado tem um caráter fundamentalmente libertador, ao menos não é mais possível negar o fato que nela existe um saber coletivo e um dinamismo que tende para a mudança, que não é meramente receptivo e cristalizado, mas sim que está em contínuo processo de ressignificação, renovação e atualização.

Enfim, depois de observar atentamente a experiência vivida pela comunidade cabocla do Contestado, esta dissertação pôde concluir que existe uma incrível abundância inventiva das práticas cotidianas, e que essa comunidade insiste em continuar resistindo e inventando, de muitas maneiras, outros comportamentos, um modo de vida que seja digno e conduza a um mundo melhor.

Endereço do Autor:

Seminário Teológico de Caçador
Rua João C. dos Santos, 280, Pantanal
88040-300 Florianópolis, SC
E-mail: pegilberto@ig.com.br